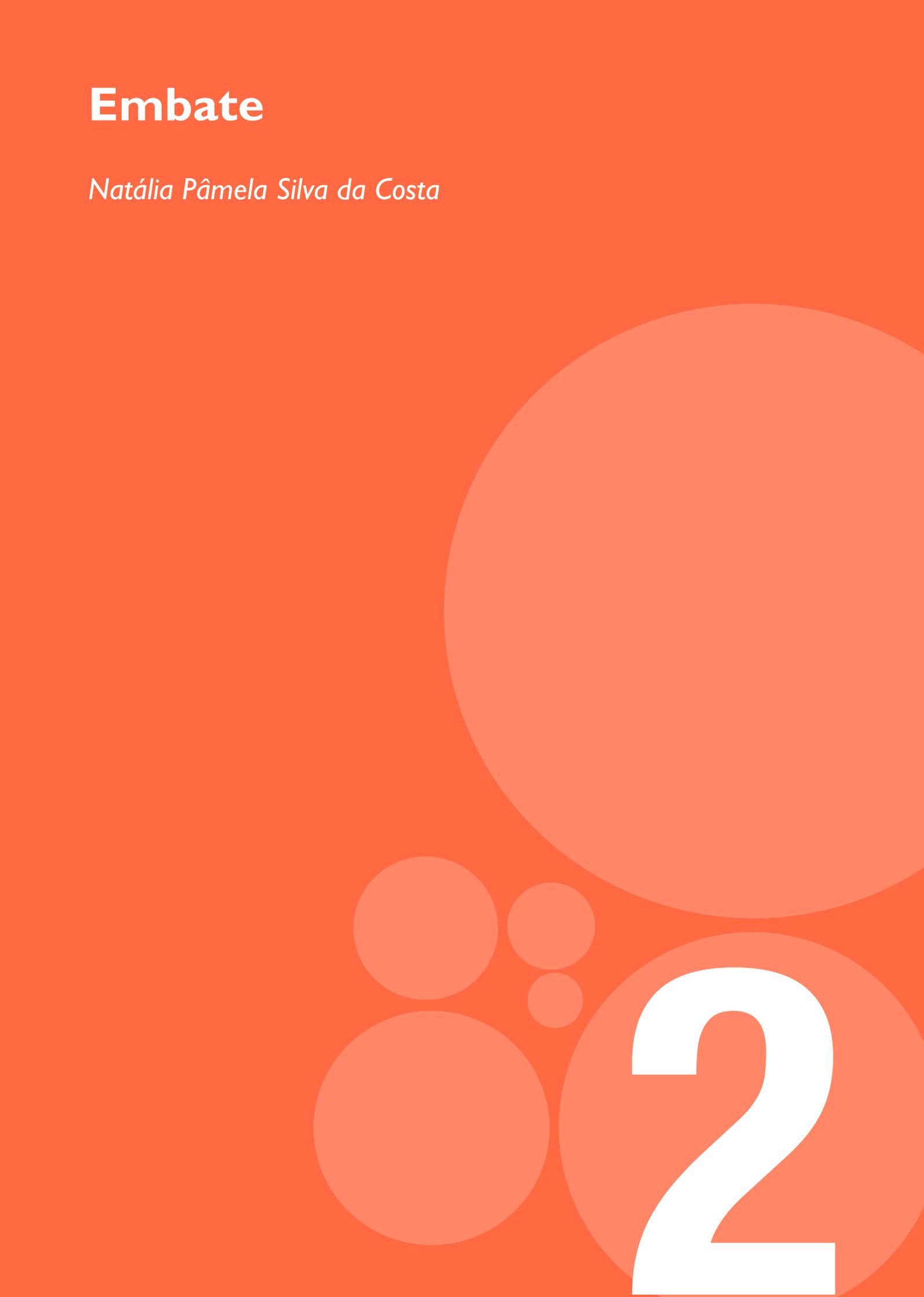


Embate

Natália Pâmela Silva da Costa



2

No cenário da educação pública atual, com notícias diárias de negligências governamentais, imagina-se um contexto escolar em um processo de sucateamento: falta de professores, salários atrasados, necessidade de uma infraestrutura melhor. Todos comentários recorrentes nos noticiários brasileiros. A situação pareceu piorar com a pandemia: estudantes sem acesso à internet impossibilitados de assistirem às aulas, professores sem assistência governamental para recursos técnicos, alunos sem a merenda diária proporcionada pela escola presencial. Todos registros de uma desigualdade já existente, mas agora agravada. Percebe-se, então, que a imagem coletiva da educação brasileira é de desesperança, devido à constante negligência que ela vem enfrentando.

Infelizmente, o que não é visto e repercutido é o esforço contra esse processo de sucateamento: escolas lutando com um capital insuficiente para garantir educação para os seus alunos, professores se esforçando para se adequar a um novo modelo de ensino sem a possibilidade de uma capacitação técnica ou ao menos uma orientação mais adequada. Todos esses emaranhados de problemas somados às realidades extraclasse de cada aluno inserido nesse contexto escolar refletem no atual cenário de injustiças sociais sofridas pelas minorias. A falta de um investimento necessário para suprir as demandas educacionais parece escancarar a desigualdade social brasileira, alunos que, muitas vezes, são privados de tantos direitos básicos - alimentação, segurança, igualdade social, lazer - percebem que a educação de qualidade se torna, aos poucos, mais um direito roubado.

Diante desse panorama de desengano, embora exista uma luta para reverter a situação, é normal se deparar com profissionais desestimulados com a educação brasileira. Esse cenário diminui cada vez mais a qualidade de ensino nas instituições públicas, pois os seus funcionários não recebem um incentivo suficiente para acreditar que o projeto nacional de educação possa funcionar adequadamente. Logo, mais uma vez, temos o aluno não recebendo o que é seu por direito: uma educação de qualidade. Essa perspectiva se espalha por cada pedaço da rotina escolar, como um vírus que não está sendo combatido devidamente, contaminando todos ao seu redor, manchando a imagem coletiva de instituições que buscam unicamente a educação e deixando a luta como uma defesa que está em minoria. A solução para esse problema parece muito simples: investimento governamental, entretanto, o governo Bolsonaro pareceu nos mostrar que essa realidade está cada vez mais distante.

Durante o meu estágio supervisionado pude observar situações que tinham como fonte esse desestímulo. Essas ocasiões eram, em sua maioria, relacionadas a eventos extraclasse, que não eram resolvidos por falta de iniciativa e energia para solucionar o problema. O acontecimento que mais me marcou foi a tentativa de linchamento de um estudante. Tudo começou quando cheguei à escola e percebi uma multidão de alunos fora da instituição. Eles gritavam em conjunto pela expulsão de um colega de classe. Entrei no colégio desorientada sem entender exatamente o que estava acontecendo e busquei informações com a minha supervisora. Ela me comunicou que por causa de uma briga pelo primeiro lu-

gar da fila da cantina, um dos envolvidos juntou um grupo de pessoas para linchar o outro aluno que participou da confusão inicial. Fiquei surpresa quando descobri o posicionamento da direção: como os alunos tinham mais de dezoito anos, o diretor se absteve de tentar conciliar o ocorrido. Logo, do seu ponto de vista, se a briga acontecesse fora da escola, isso não seria responsabilidade da instituição, por isso, apenas chamou a polícia para tentar acalmar a situação. No final, o estudante foi embora com os policiais para não ser linchado e, no outro dia, foi transferido para outra escola.

Percebe-se que não existiu a mínima iniciativa de uma conversa entre os alunos e os seus pais, nenhuma tentativa de resolução, apenas a transferência de um único aluno para a sua segurança. Desse modo, o que foi remediado foi a consequência do problema e não a problemática em si. Não houve uma conscientização sobre a violência no contexto escolar, não houve uma conversa mais apurada com os envolvidos, não houve um comprometimento da escola em educar os seus alunos ou, ao menos uma tentativa, nada houve.

Essa experiência apenas exemplifica a desmotivação encontrada dentro do cenário da educação brasileira, em que a energia para lidar com problemas extraclasse está esgotada e estes acabam afetando diretamente no rendimento dos alunos, sendo, assim, mais uma dificuldade encontrada dentro do contexto escolar das instituições públicas. Logo, o panorama atual é composto de profissionais cansados, inseridos em um momento de muitas transições sem uma orientação e um suporte adequado do mesmo Governo que aplica essas mudanças. Um exemplo prático disso é o novo Ensino Médio, o qual se trata de um novo modelo de ensino e uma nova abordagem pedagógica que está sendo aplicada sem uma capacitação suficiente do corpo docente. Consequentemente, além do cansaço, os profissionais estão lidando com uma nova realidade em que eles têm que ser autodidatas, o que reitera a negligência governamental em relação à educação brasileira, visto que, responsabilidades que deveriam ser do Estado, estão sendo direcionadas unicamente para os professores.

Essa sobrecarga do corpo docente impossibilita, novamente, que uma educação de qualidade seja entregue para os seus alunos. Diante disso, nota-se que a falta de investimento governamental é o principal problema enfrentado pelas escolas públicas, sendo este criador de uma rede de outros problemas que são impossíveis de serem resolvidos sem um trabalho conjunto entre a instituição e o Estado. Portanto, questionamentos são levantados em relação ao futuro da educação pública e, a realidade atual parece estar resumida em um conflito entre escola e Governo. Com isso, existe um confronto de forças que deveriam estar do mesmo lado, mas que, infelizmente, colocam-se em oposição, logo, quem sai vitorioso? Em um embate entre o esforço para lutar contra o sucateamento da educação brasileira e a desmotivação e o cansaço causado pela negligência governamental, quem ganha? Quando ideias estão sendo desenvolvidas para a possível melhoria da dinâmica escolar e o Governo não dá o suporte necessário para a realização destas, qual a solução? Como o Governo poderia sair como ganhador sendo gerador de uma lacuna que afeta a sua pró-

pria população? Quem é o vencedor do embate entre a negligência governamental e a luta contra a deterioração da educação brasileira? A resposta nunca é clara, entretanto, o aluno sempre sai perdendo e o Governo, que deveria funcionar como financiador e provedor de uma educação de qualidade, torna-se antagonista desta.